

SÉRIE HOUSE OF NIGHT

Bestseller do *The New York Times* com mais de 20 milhões de livros vendidos no mundo

# Escondida



P.C. Cast e Kristin Cast

Rosto

P.C. Cast e Kristin Cast

ESCONDIDA  
THE HOUSE OF NIGHT  
LIVRO  
10

Tradução  
Alessandra Kormann



São Paulo 2013

Copyright © 2011 by P.C. Cast e Kristin Cast  
All Rights Reserved  
Copyright © 2013 by Novo Século LTDA.

Coordenadora Editorial: Carolina Ferraz  
Diagramação: Claudio Braghini Junior  
Capa: Genildo Santana/Lumiar Design  
Tradução: Alessandra Kormann  
Revisão: Fernanda Guerriero

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa  
(Decreto Legislativo nº 54, de 1995)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Cast, P. C.

Escondida : livro 10 / P. C. Cast, Kristin Cast ; tradução Alessandra Kormann. -- Barueri, SP  
: Novo Século Editora, 2013. -- (Série house of night)

Título original: Hidden.

1. Vampiros - Ficção - norte-americana 2. Vampiros - Ficção I. Cast, Kristin. II. Título. III.  
Série.

12-14196  
CDD-813.5

Índices para catálogo sistemático:  
Vampiros : Ficção : Literatura norte-americana 813.5

2013

IMPRESSO NO BRASIL  
PRINTED IN BRAZIL

DIREITOS CEDIDOS PARA ESTA EDIÇÃO À  
NOVO SÉCULO EDITORA LTDA.

CEA – CENTRO EMPRESARIAL ARAGUAIA II  
ALAMEDA ARAGUAIA 2190 – 11º ANDAR  
BLOCO A – CONJUNTO 1111

CEP 06455-000 – ALPHAVILLE – SP

TEL. (11) 2321-5080 – FAX (11) 2321-5099

WWW.NOVOSECULO.COM.BR

ATENDIMENTO@NOVOSECULO.COM.BR

ISBN: 978-85-7679-887-3

Esta é uma obra de ficção. Todos os personagens, organizações e fatos descritos neste romance são produto da imaginação das autoras ou foram usados ficcionalmente.

Este livro é para aqueles que já cometeram erros e que foram corajosos o bastante para corrigi-los e sábios o suficiente para aprender com eles.

# AGRADECIMENTOS

Kristin e eu gostaríamos de agradecer à nossa família da editora St. Martin's. Nós somos muito gratas por a nossa equipe amar tanto quanto a gente o mundo de *House of Night!* Um OBRIGADA ESPECIAL ao nosso dedicado *staff* de produção por cumprir esses prazos tão apertados! Vocês são fora de série!

Mais uma vez, gostaríamos de expressar a nossa estima pela nossa comunidade de Tulsa. O seu apoio e entusiasmo por *House of Night* nos comove. Nós temos orgulho de chamar Tulsa de lar.

Obrigada, CZ. Você sabe por quê. Muitos beijos e abraços.

Como sempre, nós agradecemos à nossa amiga e agente, Meredith Bernstein, sem a qual *House of Night* não existiria. Nós amamos você!

# 1 Lenobia

O sono de Lenobia estava tão agitado que aquele sonho familiar adquiriu uma sensação de realidade que ultrapassou o reino etéreo das fantasias do subconsciente. E se tornou, desde o começo, dolorosamente real demais.

Começou com uma lembrança. Décadas e então séculos vagaram à deriva, deixando Lenobia jovem e ingênua de novo, no porão de carga do navio que a havia levado da França para a América – de um mundo a outro. Foi durante essa viagem que Lenobia conheceu Martin, o homem que deveria ter sido seu Consorte pela sua vida inteira. Mas, em vez disso, ele morrera jovem demais e havia levado o amor dela para o túmulo junto com ele.

No seu sonho, Lenobia podia sentir a leve ondulação do navio e o cheiro de cavalo, feno, peixe e mar – e Martin. Sempre Martin. Ele estava em pé na sua frente, olhando fixamente para ela com olhos ansiosos cor de azeitona e âmbar. Ela havia acabado de dizer a ele que o amava.

– É impossível – Martin estendeu o braço, pegou a mão dela e a levantou com delicadeza, fazendo a memória se repetir em sonho na sua mente. Ele levantou o próprio braço, alinhando-o lado a lado com o braço dela. – Você vê a diferença, não vê?

A Lenobia do sonho deu uma pequena exclamação de dor sem palavras. O som da voz dele! Aquele sotaque crioulo característico –

profundo, sensual, único. A lembrança do som agriçoce da sua voz e do seu belo sotaque havia mantido Lenobia longe de Nova Orleans por mais de duzentos anos.

– Não – a jovem Lenobia respondeu à pergunta dele depois de olhar para os braços encostados dos dois, um marrom e um branco.  
– Tudo o que eu vejo é você.

Ainda profundamente adormecida, Lenobia, a Mestra dos Cavalos da Morada da Noite de Tulsa, se remexeu agitada, como se o seu corpo estivesse tentando forçar a sua mente a despertar. Mas nesta noite a sua mente não obedeceu. Nesta noite os sonhos prevaleceram.

A sequência de memórias se alterou e se transformou em outra cena, ainda no porão de carga do mesmo navio, ainda com Martin, mas alguns dias depois. Ele estava entregando para ela um colar longo de couro amarrado a uma pequena bolsa tingida de um profundo azul safira. Martin colocou-o no pescoço dela, dizendo:

– Este *gris-gris* a protege, *chérie*.

Tão rápida quanto uma batida de coração, a memória se ondulou e o tempo foi adiantado para um século à frente. Uma Lenobia mais velha, mais sábia e menos ingênua estava segurando entre suas mãos a bolsa de couro envelhecida, que havia se partido e cujo conteúdo estava caindo para fora – treze coisas, justamente como Martin tinha dito para ela. Mas a maioria dessas coisas havia se tornado irreconhecível durante o século em que ela usara o talismã. Lenobia se lembrou de um cheiro fraco de zimbro, do toque macio do barro granulado antes de ele se transformar em pó e da pequena pena de pomba que se desintegrou entre seus dedos. Mas, acima de tudo, Lenobia se lembrava da onda de alegria fugaz que ela sentira quando, no meio dos restos em decomposição do amor e da proteção de Martin, ela descobriu algo que o tempo não havia sido

capaz de destruir. Era um anel de ouro, com uma esmeralda em forma de coração rodeada por minúsculos diamantes.

– O coração de sua mãe... o seu coração... o meu coração – Lenobia sussurrou enquanto deslizava a peça pelo seu dedo anular.  
– Eu ainda sinto a sua falta, Martin. Eu nunca o esqueci. Eu prometi isso.

E então as memórias do sonho voltaram no tempo novamente, levando Lenobia para Martin outra vez, só que desta vez eles não estavam se encontrando no porão de carga de um navio no mar e se apaixonando. Essa memória era sombria e terrível. Mesmo sonhando, Lenobia sabia o lugar e a data: Nova Orleans, 21 de março de 1788, pouco tempo depois do pôr do sol.

Os estábulos haviam explodido em um incêndio e Martin a salvara, carregando-a para longe das chamas.

– Oh, não! Martin! Não! – Lenobia havia gritado para ele, e agora ela choramingava, lutando para despertar antes que ela tivesse que reviver o fim terrível da sua lembrança.

Ela não acordou. Em vez disso, ela ouviu o seu único amor repetir as palavras que haviam partido o seu coração dois séculos atrás, sentindo tudo novamente como se fosse uma ferida fresca e em carne viva.

– Tarde demais, *chérie*. É tarde demais para nós neste mundo. Mas eu vou vê-la de novo. Meu amor por você não acaba aqui. Meu amor por você não vai acabar nunca... Vou encontrá-la de novo, *chérie*. Isso eu prometo.

Quando Martin capturou o humano do mal que havia tentado escravizá-la, e então voltou com ele para a estrebaria em chamas, salvando a vida de Lenobia, a Mestra dos Cavalos finalmente conseguiu acordar com um choro soluçante e violento. Ela se

sentou na cama e, com a mão trêmula, tirou o cabelo ensopado de suor do seu rosto.

O primeiro pensamento de Lenobia ao despertar foi em sua égua. Através da conexão psíquica que elas tinham, ela podia sentir que Mujaji estava agitada, quase em pânico.

– Shhhh, minha bonitona. Volte a dormir. Eu estou bem – Lenobia falou em voz alta, enviando pensamentos tranquilizantes para a égua negra com a qual ela tinha um vínculo especial. Sentindo-se culpada por ter deixado Mujaji perturbada, ela abaixou a cabeça e começou a girar carinhosamente o anel de esmeralda em volta do seu dedo.

– Pare de ser tão tola – Lenobia disse a si mesma com firmeza. – Foi só um sonho. Eu estou em segurança. Não estou lá de novo. O que aconteceu naquela ocasião não pode me machucar mais do que já machucou – Lenobia mentiu para si mesma. *Eu posso me ferir de novo. Se Martin voltou, se ele realmente voltou, meu coração pode se ferir novamente.* Outro soluço tentou escapar de Lenobia, mas ela pressionou seus lábios e controlou suas emoções à força.

*Ele pode não ser Martin,* ela disse a si mesma racionalmente. Travis Foster, o novo humano contratado por Neferet para auxiliá-la nos estábulos, era simplesmente uma bela distração – ele e sua grande e bonita égua Percherão.

– Provavelmente, era exatamente isso o que Neferet pretendia quando o contratou – Lenobia resmungou. – Ela só queria me distrair. E a Percherão dele é só uma estranha coincidência – Lenobia fechou os olhos e bloqueou as lembranças que se levantavam do passado. Então ela repetiu em voz alta: – Travis pode não ser Martin reencarnado. Eu sei que a minha reação a ele é

surpreendentemente forte, mas já faz muito tempo desde que eu tive um amante.

*Você nunca mais teve um amante humano. Você prometeu isso* – sua consciência a lembrou.

– Então simplesmente já passou da hora de eu ter um amante vampiro, mesmo se for por pouco tempo. E esse tipo de distração vai ser uma coisa boa para mim – Lenobia tentou ocupar sua imaginação considerando e depois rejeitando uma lista de guerreiros Filhos de Erebus bonitões, mas os olhos de sua mente não estavam vendo seus corpos fortes e musculosos, e sim imaginando olhos castanhos cor de uísque tingidos de um verde-oliva familiar e um sorriso fácil... – Não! – ela não iria pensar nisso. Ela não iria pensar *nele*.

*Mas e se a alma de Martin realmente estiver em Travis? A mente inquieta de Lenobia sussurrou sedutoramente. Ele deu sua palavra de que me encontraria de novo. Talvez ele tenha conseguido.*

– E então? – Lenobia se levantou e começou a andar de um lado para outro. – Eu conheço bem demais a fragilidade dos humanos. Eles são tão facilmente mortos, e hoje em dia o mundo é ainda mais perigoso do que era em 1788. O meu amor terminou em sofrimento e chamas uma vez. E uma vez já é o bastante – Lenobia parou e colocou seu rosto entre as mãos quando seu coração percebeu a verdade e bombeou-a através de seu corpo e de sua alma, tornando-se realidade. – Eu sou uma covarde. Se Travis não é Martin, eu não quero me entregar a ele e correr o risco de amar outro humano. E se ele é Martin que voltou para mim, eu não posso suportar o inevitável, pois vou perdê-lo de novo.

Lenobia sentou-se pesadamente na velha cadeira de balanço que ela havia colocado ao lado da janela do seu quarto. Ela gostava de ler ali. Se não conseguisse dormir, sua janela era voltada para o

leste, de modo que ela podia assistir ao nascer do sol e olhar para os jardins ao lado do estábulo. Lenobia não conseguia deixar de apreciar a luz da manhã, por mais irônico que isso fosse para uma vampira. No fundo do seu coração, vampira ou não, ela seria eternamente uma garota que amava as manhãs, os cavalos e um humano alto, com a pele cor de cappuccino, que havia morrido muito tempo atrás quando ele ainda era jovem demais.

Seus ombros desabaram. Ela não costumava pensar tanto em Martin havia décadas. A memória reavivada dele era uma espada de dois gumes. Por um lado, ela amava se lembrar do seu sorriso, do seu cheiro, do seu toque. Por outro lado, a sua lembrança também evocava o vazio que a sua ausência tinha deixado. Por mais de duzentos anos, Lenobia havia sofrido por uma possibilidade perdida – uma vida desperdiçada.

– O nosso futuro foi queimado e arrancado de nós. Destruído pelas chamas do ódio, da obsessão e do mal – Lenobia balançou a cabeça e enxugou os olhos. Ela precisava recuperar o controle sobre as suas emoções. O mal ainda estava queimando e abrindo terreno no campo da Luz e do bem. Ela inspirou o ar profundamente para se centrar e voltou seus pensamentos para um assunto que nunca falhou em acalmá-la, não importando o quão caótico o mundo ao redor dela tivesse se tornado: cavalos e Mujaji, em particular. Sentindo-se mais calma agora, Lenobia se concentrou de novo, atingindo aquela parte superespecial do seu espírito que Nyx tocara – e que recebera o dom da sua afinidade com cavalos – no dia em que a Lenobia de dezesseis anos havia sido Marcada. Ela encontrou sua égua facilmente e, no mesmo instante, sentiu-se culpada pela sua agitação refletida em Mujaji.

– Shhh – Lenobia a tranquilizou novamente, repetindo em voz alta a sensação de segurança que ela estava enviando através do

seu elo com a égua. – Eu só estou sendo tola e autoindulgente. Isso vai passar, eu prometo, minha querida – Lenobia projetou uma maré de ternura e amor sobre sua égua da cor da noite e, como sempre, Mujaji recuperou a calma.

Lenobia fechou os olhos e soltou um longo suspiro. Ela podia visualizar sua égua, negra e bela como a noite, finalmente se tranquilizando, levantando uma pata traseira e caindo num sono sem sonhos.

A Mestra dos Cavalos se concentrou na sua égua, afastando o turbilhão que a chegada do jovem cowboy ao seu estábulo havia causado dentro dela. *Amanhã, ela prometeu para si mesma, amanhã eu vou deixar claro para Travis que nós nunca vamos ser mais do que patroa e empregado. A cor dos seus olhos e o jeito com que ele me faz sentir, tudo isso vai começar a acalmar quando eu me distanciar dele... Isso tem que... tem que...*

Finalmente, Lenobia adormeceu.

# Neferet

Shadowfax atendeu prontamente ao chamado de Neferet, apesar de o felino não ser ligado a ela. Felizmente, as aulas já haviam terminado por esta noite, portanto, quando o grande Maine Coon a encontrou no meio do ginásio, o lugar estava com as luzes parcialmente apagadas e totalmente vazio – não havia nenhum estudante por perto; o próprio Dragon Lankford também estava ausente, mas provavelmente por pouco tempo. Ela tinha visto apenas alguns novatos vermelhos no caminho até ali. Neferet sorriu, satisfeita por pensar em como ela havia colocado os vermelhos do mal na Morada da Noite. Quantas possibilidades adoráveis e caóticas eles apresentaram – especialmente depois de ela ter certeza de que o círculo de Zoey seria quebrado e que a melhor amiga dela, Stevie Rae, ficaria arrasada, sofrendo com a perda do seu amante.

A constatação de que ela iria assegurar dor e sofrimento futuros para Zoey agradou infinitamente Neferet, mas ela era disciplinada demais para se permitir começar a tripudiar antes que o feitiço de sacrifício estivesse terminado e os seus comandos fossem postos em andamento. Apesar de a escola estar surpreendentemente quieta esta noite, quase abandonada, na verdade qualquer um podia aparecer no ginásio. Neferet precisava trabalhar rapidamente e em silêncio. Haveria tempo de sobra para se regozijar com os frutos do seu trabalho mais tarde.

Ela falou suavemente com o gato, atraindo-o para mais perto dela, e quando ele estava próximo o bastante ela se ajoelhou ao seu nível. Neferet pensou que ele desconfiaria dela – os gatos sabem das coisas. Eles eram muito mais difíceis de enganar do que humanos, novatos ou até mesmo vampiros. O próprio gato de

Neferet, Skylar, havia se recusado a se mudar para a nova cobertura dela no edifício Mayo, preferindo ficar espreitando nas sombras da Morada da Noite, observando-a deliberadamente com seus grandes olhos verdes.

Mas Shadowfax não era tão precavido.

Neferet acenou. Shadowfax veio até ela, encurtando vagarosamente o último espaço que os separava. O grande gato não foi amigável – ele não se esfregou contra ela, marcando-a afetivamente com o seu cheiro –, mas veio até ela. A sua obediência era tudo o que importava para Neferet. Ela não queria o amor dele; ela queria a sua vida.

A Tsi Sgili, Consorte imortal das Trevas e ex-Grande Sacerdotisa da Morada da Noite, sentiu apenas uma vaga e remota sombra de remorso quando a sua mão esquerda acariciou o grande Maine Coon cinza tigrado. O seu pelo era macio e grosso sobre o seu corpo ágil e atlético. Como Dragon Lankford, o guerreiro que o gato havia escolhido como seu, Shadowfax era poderoso e estava em pleno vigor. Era uma pena que ele fosse necessário para atender a um propósito maior. Um propósito superior.

O remorso de Neferet não equivalia a hesitação. Ela usou o seu dom concedido pela Deusa – a afinidade com felinos – e canalizou afeto e confiança através da palma da sua mão para o gato já confiante. Enquanto sua mão esquerda o acariciava, encorajando-o a se arquear e começar a ronronar, a sua mão direita sorrateiramente puxou o seu afiado athame<sup>1</sup>, com o qual ela rapidamente, de modo preciso, cortou o pescoço de Shadowfax.

O grande gato não emitiu nenhum som. O seu corpo deu um espasmo, tentando se lançar para longe de Neferet, mas a mão dela agarrou o pelo do animal, segurando-o tão perto que o seu sangue

respingou, quente e úmido, sobre o corpete do seu vestido de veludo verde.

Os filamentos de Trevas que estavam sempre em volta de Neferet pulsaram e estremeeceram na expectativa.

Neferet os ignorou.

O gato morreu mais rápido do que ela imaginara, e Neferet ficou feliz por isso. Ela não tinha imaginado que ele fosse encará-la, mas o gato guerreiro sustentou o olhar dela mesmo depois de desabar no chão arenoso do ginásio, quando ele já não podia mais combatê-la, mas ainda assim ficou deitado respirando com dificuldade, contorcendo-se em silêncio e encarando-a.

Trabalhando rapidamente, enquanto o gato ainda estava vivo, Neferet começou o feitiço. Usando a lâmina do seu athame ritual, Neferet desenhou um círculo em volta do corpo moribundo de Shadowfax, de modo que o sangue que se empoçava em volta dele escorria para dentro do círculo, e um fosso escarlate em miniatura se formou.

Então ela pressionou uma palma da mão dentro do sangue fresco e quente, levantou-se do lado de fora do círculo, ergueu as duas mãos – uma ensanguentada, a outra segurando a faca com a ponta escarlate – e entoou:

*“Com este sacrifício eu comando  
as Trevas controladas pela minha mão.  
Aurox, obedeça-me!  
A morte de Rephaim acontecerá”.*

Neferet fez uma pausa, permitindo que os filamentos pegajosos, negros e frios se esfregassem contra ela e se agrupassem em toda a volta do círculo. Ela sentiu a sua ânsia, a sua necessidade, o seu desejo, o seu perigo. Mas, acima de tudo, ela sentiu o seu poder.

Para completar o feitiço, ela mergulhou o athame dentro do sangue e escreveu diretamente na areia com ele, fechando o encantamento:

*“Através do pagamento de sangue, dor e batalha,  
Eu forço o Receptáculo a ser minha arma!”.*

Concentrando-se na imagem de Aurox em sua mente, Neferet entrou no círculo e cravou o punhal no corpo de Shadowfax, espetando-o no chão do ginásio enquanto ela soltava as gavinhas de Trevas para que elas pudessem consumir o seu banquete de sangue e dor.

Quando o gato estava completamente drenado e morto, Neferet disse:

– O sacrifício está concluído. O feitiço foi feito. Façam como eu ordeno. Forcem Aurox a matar Rephaim. Façam Stevie Rae a quebrar o círculo. Façam com que o feitiço de revelação falhe. Agora!

Como um ninho agitado de cobras, os filamentos subordinados às Trevas serpentearam para dentro da noite, afastando-se do ginásio e indo em direção a um campo de lavandas e ao ritual que já estava em andamento.

Neferet olhou-os atentamente, sorrindo de satisfação. Um filamento de Trevas em particular, grosso como o seu braço, chicoteou através da porta que se abria do ginásio para o estábulo. A atenção de Neferet foi atraída naquela direção pelo som abafado de vidro quebrado.

Curiosa, a Tsi Sgili deslizou até lá. Tomando cuidado para não fazer barulho e disfarçando-se nas sombras, Neferet espiou o estábulo. Os seus olhos esmeralda se arregalaram com uma agradável surpresa. O filamento grosso de Trevas havia sido

desajeitado. Ele havia derrubado um dos lampiões a gás que ficavam pendurados não muito longe das pilhas de feno de ótima qualidade que Lenobia era sempre tão meticulosa em escolher para as suas criaturas. Neferet assistiu, fascinada, quando o primeiro ramo de feno pegou fogo, crepitou e então, com uma renovada onda amarela e um poderoso som de *whoosh*, incendiou-se completamente.

Neferet olhou para a longa fileira de baias de madeira fechadas. Ela só conseguia ver os contornos escuros e indistintos de alguns dos cavalos. A maioria estava dormindo. Alguns estavam pastando preguiçosamente, já acomodados para o amanhecer que se aproximava e para o descanso que o dia iria proporcionar a eles até o pôr do sol, quando os estudantes chegariam para as suas aulas intermináveis.

Ela olhou de volta para o feno. Um fardo inteiro foi engolfado em chamas. O cheiro de fumaça foi levado até ela, e era possível ouvir o som crepitante do fogo se alimentando e crescendo, como uma besta descontrolada.

Neferet saiu do estábulo, fechando a pesada porta que dava para o ginásio com firmeza. *Parece que provavelmente Stevie Rae não vai ser a única a sofrer depois desta noite.* Esse pensamento satisfez Neferet, e ela saiu do ginásio e da matança que ela havia causado ali, sem ver a pequena gata branca que caminhou até o corpo imóvel de Shadowfax, deitou ao lado dele e fechou os olhos.

# Lenobia

A Mestra dos Cavalos acordou com um terrível pressentimento. Confusa, Lenobia esfregou as mãos no rosto. Ela havia pegado no sono na cadeira de balanço perto da janela e esse súbito despertar parecia mais um pesadelo do que realidade.

– Isso é tolice – ela resmungou sonolenta. – Preciso encontrar meu centro de novo. – A meditação a havia ajudado a silenciar seus pensamentos no passado. Resolutamente, Lenobia inspirou profundamente o ar para se purificar.

Foi com essa inspiração profunda que Lenobia sentiu o cheiro – fogo. Mais especificamente, um estábulo em chamas. Ela cerrou os dentes. *Desapareçam, fantasmas do passado! Sou velha demais para esse tipo de jogo.* Então um agourento som crepitante fez Lenobia afastar o último resquício de sono que havia obscurecido a sua mente. Ela se moveu rapidamente até a janela e abriu as pesadas cortinas pretas. A Mestra dos Cavalos olhou para o seu estábulo e arfou de horror.

Não era um sonho.

Não era a sua imaginação.

Em vez disso, era um pesadelo real.

Chamas estavam lambendo as laterais do edifício. Enquanto ela observava, as portas duplas no canto da sua visão foram abertas pelo lado de dentro e, contra o pano de fundo de uma onda de fumaça e labaredas ardentes, estava a silhueta de um cowboy alto guiando uma enorme Percherão cinza e uma égua negra como a noite para fora.

Travis soltou as éguas, tocando-as para os jardins da escola e para longe do estábulo em chamas; então, ele correu de volta para a boca flamejante do edifício.

Tudo dentro de Lenobia ficou vivo quando aquela visão extinguiu o seu medo e a sua dúvida.

– Não, Deusa. De novo, não. Eu não sou mais uma garota assustada. Desta vez, o fim dele vai ser diferente!

## 2 Lenobia

Lenobia saiu em disparada de seu quarto e desceu correndo a pequena escada que ligava o seu alojamento ao piso térreo e ao estábulo. A fumaça estava se infiltrando feito cobras por debaixo da porta. Ela controlou o seu pânico e encostou a mão na madeira. Não estava quente, então ela empurrou a porta, avaliando a situação rapidamente enquanto entrava no estábulo. O fogo estava ardendo mais furiosamente no fundo do edifício, na área onde o feno e a ração eram estocados. Era também a área mais próxima à baia de Mujaji e à grande baia para animais prenhes onde a Percherão Bonnie e Travis haviam se instalado.

– Travis! – ela gritou, levantando o braço para proteger o rosto do calor das labaredas crescentes, enquanto corria para dentro do estábulo, abrindo as baias e libertando os cavalos mais próximos a ela. *Para fora, Persephone, vá!* Lenobia empurrou a égua clara, que estava congelada de pavor, recusando-se a sair de sua baia. Quando Persephone passou por ela em disparada em direção à saída, Lenobia chamou de novo: – Travis! Cadê você?

– Estou levando para fora os cavalos que estavam mais perto do fogo! – ele gritou quando uma jovem égua acinzentada correu da direção de onde vinha a voz de Travis e quase passou por cima de Lenobia.

– Calma! Calma, Anjo – Lenobia a tranquilizou, conduzindo a égua aterrorizada até a saída.

– A saída leste está bloqueada pelas chamas e eu... – as palavras de Travis foram cortadas quando a janela da selaria explodiu e estilhaços de vidro quente voaram pelo ar.

– Travis! Saia daqui e ligue para o 911! – Lenobia gritou enquanto abria a baia mais próxima e libertava um capão, detestando o fato de ela não ter pegado o seu telefone e feito ela mesma a chamada antes de sair do quarto.

– Eu acabei de ligar! – respondeu uma voz não familiar. Lenobia olhou através da fumaça e das chamas e viu uma novata correndo na sua direção, guiando uma égua alazã que estava totalmente em pânico.

– Está tudo bem, Diva – Lenobia automaticamente acalmou o cavalo, pegando a correia da garota. Ao seu toque, a égua se aquietou, e Lenobia soltou a correia do cabresto, encorajando-a a galopar para fora pela porta mais próxima atrás dos outros cavalos em fuga. Ela puxou a garota para trás com ela, afastando-se do calor que aumentava, dizendo: – Quantos cavalos estão... – Lenobia perdeu a fala quando viu que o crescente na testa da garota era vermelho.

– Acho que só sobraram alguns – a novata vermelha estava com a mão trêmula quando enxugou o suor com fuligem do seu rosto, gaguejando as palavras. – E-eu peguei Diva porque sempre gostei dela e pensei que ela podia se lembrar de mim. Mas até ela estava assustada. Realmente assustada.

Então Lenobia reconheceu a garota: Nicole. Ela tinha uma aptidão com cavalos e um modo natural de montar antes de morrer, ressuscitar e se juntar ao grupo do mal de Dallas. Mas não havia tempo para questionar a garota. Não havia tempo para nada, exceto levar os cavalos – e Travis – para um local seguro.

– Você fez bem, Nicole. Você pode entrar de novo lá?

– Sim – Nicole concordou trêmula. – Não quero que eles se queimem. Farei qualquer coisa que você mandar.

Lenobia colocou a mão no ombro da garota.

– Eu só preciso que você abra as baias e saia do caminho. Eu vou guiá-los para um local seguro.

– Ok, ok. Eu consigo fazer isso – Nicole concordou. Ela soou aflita e assustada, mas seguiu Lenobia sem hesitação, e as duas correram de volta para o turbilhão de calor dentro do estábulo.

– Travis! – Lenobia tossiu, tentando enxergar através da fumaça cada vez mais espessa. – Você está me ouvindo?

Mais alto que o som crepitante das chamas, ele gritou:

– Sim! Estou aqui atrás. Fechado na baia!

– Abra a baia! – Lenobia se recusou a ceder ao seu próprio pânico. – Abra todas as baias! Eu consigo chamar os cavalos para mim, para um local seguro. Posso fazê-los sair. Siga-os. Posso guiar todos vocês para fora!

– Já abri! – Travis gritou logo depois, do meio da fumaça e do calor.

– Já abri todas aqui também! – Nicole gritou bem mais perto.

– Agora sigam os cavalos e saiam do estábulo! – Lenobia berrou antes de começar a correr para trás, para longe do fogo e em direção à porta dupla da saída que ela deixou bem aberta. Em pé, na frente da porta, ela levantou os braços, com as palmas voltadas para fora, e imaginou que estava extraindo poder diretamente do Mundo do Além e do reino místico de Nyx. Lenobia abriu seu coração, sua alma e seu dom concedido pela Deusa e gritou: – Venham, meus belos filhos e filhas! Sigam minha voz e meu amor e vivam!

Pareceu haver um estouro da manada, com cavalos saindo em disparada do meio das labaredas e da fumaça escura. O terror deles

era tão palpável para Lenobia que era quase como um ser vivo. Ela compreendeu isso – o seu medo das chamas, do fogo e da morte – e canalizou força e serenidade para si mesma e para os cavalos que passavam por ela galopando em direção aos jardins da escola.

A novata vermelha saiu cambaleando e tossindo atrás deles.

– Acabou. Todos os cavalos saíram – ela disse, desabando no gramado.

Lenobia deu um aceno rápido de cabeça para Nicole por consideração. Suas emoções estavam concentradas na manada agitada atrás dela, e seus olhos estavam focados na fumaça espessa e nas chamas flamejantes diante dela, das quais Travis não saía.

– Travis! – ela gritou.

Não houve nenhuma resposta.

– O fogo está se espalhando rápido – a novata vermelha falou ainda tossindo. – Ele pode estar morto.

– Não – Lenobia respondeu com firmeza. – Não desta vez – ela se voltou na direção da manada, chamando a sua amada égua negra. – Mujaji!

O cavalo relinchou e veio trotando até ela. Lenobia levantou a mão, fazendo-a parar.

– Fique calma, doçura. Cuide dos meus outros filhos. Empréstimo a eles a sua força e serenidade, assim como o meu amor – Lenobia disse.

Com relutância, porém obedientemente, a égua começou a andar ao redor do bando de cavalos assustados, agrupando-os. Satisfeita, Lenobia se virou, inspirou duas vezes profundamente e entrou em disparada na boca do estábulo em chamas.

O calor estava terrível. A fumaça era tão densa que era como tentar respirar um líquido efervescente. Por um instante, Lenobia foi

transportada de volta para aquela noite horrível em Nova Orleans e para outro celeiro em chamas. Os sulcos grossos das cicatrizes nas suas costas latejaram como uma memória fantasma de dor, e por um momento o pânico reinou, enraizando Lenobia no passado.

Então ela o escutou tossir, e o seu pânico foi despedaçado pela esperança, permitindo que o presente e a força verdadeira da vontade de Lenobia superassem o seu medo.

– Travis! Eu não estou te vendo! – ela gritou e arrancou a parte de baixo de sua camisola, entrou na baia mais próxima e mergulhou o pano na água do cocho.

– Saia... daqui... – ele disse entre uma tosse seca e outra.

– Nem ferrando. Já vi um homem queimar por minha causa. Não gosto nada disso. – Lenobia colocou o tecido ensopado sobre ela como um manto com capuz e avançou mais para dentro da fumaça e do calor, seguindo a tosse de Travis.

Ela o encontrou perto de uma baia aberta. Ele havia caído e estava tentando se levantar, mas só havia conseguido se ajoelhar e estava curvado para frente, quase vomitando e tossindo. Lenobia não hesitou. Ela entrou na baia e molhou o tecido rasgado na água do cocho da baia de novo.

– O quê...? – outra tosse o acometeu enquanto ele franzia os olhos para ela. – Não! Saia...

– Eu não tenho tempo para discutir. Apenas deite-se – ela falou. Como ele não se moveu rápido o bastante, ela deu uma rasteira por baixo dos seus joelhos. Ele caiu de costas com um gemido e ela estendeu o tecido molhado sobre o rosto e o peito dele. – Isso, assim mesmo. Na horizontal – Lenobia ordenou, enquanto foi até o cocho e rapidamente espalhou água pelo seu próprio rosto e cabelo. Então, antes que ele pudesse protestar ou estragar o plano dela se mexendo, ela agarrou as pernas de Travis e começou a puxá-lo.

*Ele tinha que ser tão grande e pesado?* A mente de Lenobia estava ficando confusa. As chamas estavam rugindo em volta dela, e ela tinha certeza de que podia sentir o cheiro de cabelo queimado. *Bem, Martin também era grande...* E então a mente dela parou de funcionar. Era como se o seu corpo estivesse se movendo no piloto automático, sem ninguém para dirigi-lo, exceto uma necessidade primordial de continuar arrastando aquele homem para longe do perigo.

– É ela! É Lenobia!

De repente, mãos fortes estavam ali, tentando tirar aquela carga dela. Lenobia lutou. *A morte não vai vencer desta vez! Não desta vez!*

– Professora Lenobia, está tudo bem. Você conseguiu.

Então a mente dela registrou o frescor do ar e foi capaz de entender o que estava acontecendo. Ela ofegou, inspirando o ar puro e tossindo o calor e a fumaça, enquanto mãos gentis a ajudaram a se sentar na grama e colocaram uma máscara sobre o seu nariz e sua boca, através da qual um ar ainda mais puro inundou os seus pulmões. Ela sugou o oxigênio e a sua mente clareou completamente.

Um enxame de bombeiros humanos lotava os jardins. Poderosas mangueiras estavam voltadas para o estábulo em chamas. Dois paramédicos estavam ao redor dela, observando-a, parecendo perdidos e obviamente surpresos com a rapidez com que ela estava se recuperando.

Ela arrancou a máscara do rosto.

– Não cuidem de mim. Cuidem dele! – ela puxou o tecido quente do corpo de Travis, que ainda estava imóvel demais. – Ele é humano. Ajudem-no!

– Sim, senhora – um dos paramédicos murmurou e então eles começaram a trabalhar em Travis.

– Lenobia, beba isto – alguém disse e uma taça foi colocada em suas mãos.

A Mestra dos Cavalos levantou os olhos e viu duas vampiras curandeiras da enfermaria da Morada da Noite, Margareta e Pempfredo, agachadas ao lado dela. Lenobia bebeu de uma vez todo o vinho, que estava bastante misturado com sangue, sentindo instantaneamente a energia vital que ele carregava formigar pelo seu corpo.

– É melhor você vir com a gente, professora – Margareta afirmou. – Você vai precisar de mais do que isso para se curar completamente.

– Mais tarde – Lenobia respondeu, deixando a taça de lado. Ela ignorou as curandeiras, bem como as sirenes, as vozes e o caos generalizado ao seu redor. Lenobia engatinhou em direção à cabeça de Travis. Os paramédicos estavam ocupados. O cowboy já estava usando uma máscara, e eles estavam dando uma injeção no seu braço. Os olhos dele estavam fechados. Mesmo por baixo da sujeira da fuligem, ela podia ver que o seu rosto estava escaldado e vermelho. Ele estava usando uma camiseta para fora da calça, que obviamente tinha vestido apressadamente por sobre o jeans. Os seus antebraços fortes estavam descobertos e cheios de bolhas. E as suas mãos... as suas mãos estavam queimadas e ensanguentadas.

Ela deve ter feito algum barulho involuntário – sinal da terrível dor de cabeça que estava sentindo –, pois Travis abriu os olhos. Eles eram exatamente como ela se lembrava: castanhos, com um tom de uísque e traços verde-oliva. Os seus olhares se encontraram e se fixaram um no outro.

– Ele vai sobreviver? – ela perguntou ao paramédico mais próximo.

– Eu já vi casos piores, e ele vai ter cicatrizes, mas nós temos que levá-lo ao hospital St. John o mais rápido possível. A inalação de fumaça foi pior do que as suas queimaduras – o humano fez uma pausa e, apesar de Lenobia não tirar os olhos de Travis, pôde escutar o sorriso na voz do paramédico. – Ele é um cara de sorte. Quase você não o encontra a tempo.

– Na verdade, levei duzentos e vinte e quatro anos para encontrá-lo, mas estou feliz que cheguei a tempo.

Travis começou a dizer algo, mas suas palavras foram cortadas por uma tosse seca horrível.

– Com licença, senhora. A maca chegou.

Lenobia se afastou para o lado, enquanto Travis era transferido para a maca com rodinhas, mas em nenhum momento eles deixaram de se olhar. Ela caminhou ao lado dele enquanto os paramédicos empurravam a maca até a ambulância que estava à espera. Antes de o colocarem lá dentro, ele tirou a máscara e, com uma voz áspera, perguntou:

– Bonnie? Ok?

– Ela está bem. Eu posso senti-la. Ela está com Mujaji. Vou cuidar dela. Vou cuidar de todos eles e deixá-los em segurança – ela assegurou a ele.

Ele estendeu a mão para Lenobia, e ela cuidadosamente tocou sua mão queimada e ensanguentada.

– Você vai cuidar de mim também? – ele conseguiu perguntar.

– Sim, cowboy. Você pode apostar sua bela e grande égua que eu vou – e sem se importar nem um pouco com os olhares de humanos, novatos e vampiros que ela podia sentir na direção dela, Lenobia se inclinou e o beijou suavemente na boca. – Procure por

alegria e cavalos. Eu vou estar lá. Desta vez, cuidando para que você esteja a salvo.

– Bom saber. Minha mãe sempre dizia que eu precisava de alguém que cuidasse de mim. Espero que ela descanse em paz sabendo que eu consegui essa pessoa – a voz dele soou como se a sua garganta fosse uma lixa.

Lenobia sorriu.

– Você conseguiu, mas eu acho que é você que precisa aprender a descansar.

As pontas dos dedos dele tocaram a mão de Lenobia, e ele disse:

– Acho que agora eu vou conseguir. Eu só estava esperando encontrar o meu caminho de volta para casa.

Lenobia encarou aqueles olhos âmbar esverdeados que lhe eram tão familiares, tão incrivelmente parecidos com os de Martin, e imaginou que através deles ela podia enxergar a verdadeira natureza daquela alma também familiar – a bondade, a força, a honestidade e o amor que, de algum modo, haviam cumprido a sua promessa de voltar para ela. Lá no fundo do coração, Lenobia sabia que, apesar de no resto da aparência o cowboy alto e rijo não ter nenhuma semelhança com o seu amor perdido, ela havia encontrado o seu coração de novo. A emoção travou a sua voz, e tudo o que ela podia fazer era sorrir, concordar com a cabeça e virar a mão para que os dedos dele pousassem na sua palma – quente, forte e muito viva.

– Nós temos que levá-lo ao hospital, senhora – afirmou o paramédico.

Lenobia tirou sua mão de Travis com relutância, enxugou os olhos e disse:

– Você pode levá-lo por pouco tempo, mas eu o quero de volta. Logo – ela dirigiu o seu olhar, que parecia uma nuvem de tempestade, para o humano de jaleco. – Trate-o bem. Esse fogo no celeiro não é nada perto do meu temperamento inflamado.

– S-sim, senhora – o paramédico gaguejou, rapidamente colocando Travis dentro da ambulância.

Lenobia teve certeza de que ouviu a risada de Travis no meio da sua tosse horrorosa, antes de as portas da ambulância se fecharem e de eles partirem com a sirene piscando.

Ela estava parada ali, olhando a ambulância se afastar e preocupada com Travis, quando alguém próximo limpou a garganta de um jeito bem óbvio, atraindo a atenção de Lenobia instantaneamente. Ao se virar, ela enxergou o que a sua visão antes totalmente capturada por Travis havia ignorado. Parecia que a escola havia explodido. Cavalos movendo-se nervosamente o mais perto do muro leste que eles conseguiam chegar. Caminhões de bombeiros estavam estacionados nos jardins ao lado do estábulo, esguichando água de enormes mangueiras na direção do prédio ainda em chamas. Novatos e vampiros tinham se reunido em grupos assustados, parecendo impotentes.

– Calma, Mujaji, calma... Está tudo bem agora, minha doçura. – Lenobia fechou os olhos e se concentrou em usar o dom que a sua Deusa havia concedido a ela há mais de duzentos anos. Ela sentiu a bela égua negra responder imediatamente, relaxando da sua agitação e acabando com o resto do seu medo e nervosismo. Então Lenobia voltou sua conexão para a grande Percherão, que estava preocupada escavando o chão, movendo as orelhas, buscando algum sinal de Travis. – Bonnie, ele está bem. Você não tem com o que se preocupar – Lenobia falou suavemente, ecoando as ondas de emoção que ela estava transmitindo para a égua ansiosa. Bonnie

se acalmou quase tão rápido quanto Mujaji, o que agradou bastante Lenobia e permitiu que ela direcionasse sua atenção facilmente para o resto dos cavalos. – Persephone, Anjo, Diva, Little Biscuit, Okie Dodger – ela enviou afeto e segurança individualmente para os cavalos –, sigam a liderança de Mujaji. Fiquem calmos. Sejam fortes. Vocês estão a salvo.

A pessoa próxima a ela limpou a garganta novamente, interrompendo a concentração dela. Irritada, Lenobia abriu os olhos e viu um humano parado na sua frente. Ele vestia um uniforme de bombeiro e a estava observando com as sobrancelhas arqueadas e uma curiosidade explícita.

– Você está falando com aqueles cavalos?

– Na verdade, estou fazendo muito mais do que isso. Dê uma olhada – ela fez um gesto para a manada diante dela.

Ele se virou, e o seu rosto registrou a sua surpresa.

– Eles se acalmaram bastante. Isso é bizarro.

– A palavra “bizarro” tem tantas conotações negativas. Prefiro a palavra “mágico”. – Lenobia fez um aceno de cabeça, despedindo-se do bombeiro, e então começou a andar a passos largos na direção do grupo de novatos que estavam aglomerados em volta de Erik Night e da professora P.

– Senhora, eu sou o capitão Alderman, Steve Alderman – ele disse, quase correndo para acompanhar o passo de Lenobia. – Estamos trabalhando para controlar o fogo, e eu preciso saber quem é o responsável pela escola.

– Capitão Alderman, eu gostaria de dizer que sou eu – Lenobia disse sombriamente. Então ela acrescentou: – Venha comigo. Vou resolver isso – a Mestre dos Cavalos se juntou a Erik, professora P. e seu grupo de novatos, que incluía um guerreiro Filho de Erebus, Kramisha, Shaylin e vários novatos azuis quinto-formandos e sexto-

formandos. – Penthesilea, eu sei que Thanatos está com Zoey e o seu círculo, terminando o ritual na fazenda da Sylvia Redbird, mas onde está Neferet? – a voz de Lenobia soou como um chicote.

– E-eu simplesmente não sei! – a professora de Literatura respondeu trêmula, olhando por sobre o seu ombro para o estábulo em chamas. – Eu fui até os aposentos dela quando vi o fogo, mas não havia nenhum sinal dela.

– E ninguém tentou ligar para ela? – Kramisha perguntou.

– Não atende – Erik respondeu.

– Que maravilha – Lenobia resmungou.

– Posso supor então que, na ausência dessas pessoas que acabou de mencionar, você é a responsável aqui? – o capitão Alderman questionou Lenobia.

– É, parece que, como não sobrou ninguém, sou eu – ela disse.

– Bem, então você precisa fazer a contagem dos estudantes o mais rápido possível. Você e os professores precisam conferir imediatamente se todos os alunos estão presentes – ele indicou com o polegar um banco não muito longe de onde eles estavam. – Aquela garota com a lua vermelha na testa é a única garota que encontramos perto do celeiro. Ela não está ferida, apenas um pouco abalada. O oxigênio está limpando os pulmões dela surpreendentemente rápido. Mesmo assim, pode ser uma boa ideia que ela seja examinada no hospital St. John.

Lenobia deu uma olhada para Nicole, que estava sentada respirando profundamente com uma máscara de oxigênio, enquanto um paramédico conferia seus sinais vitais. Margareta e Pemphredo estavam por perto, fuzilando o paramédico com os olhos, como se ele fosse um inseto irritante.

– A nossa enfermaria está mais bem equipada para cuidar de novatos feridos do que um hospital humano – Lenobia afirmou.

– Como achar melhor, senhora. Você é a responsável aqui, e sei que vocês, vampiros, têm uma fisiologia própria. – Ele fez uma pausa e acrescentou: – Sem ofensas. Meu melhor amigo no ensino médio foi Marcado e Transformado. Eu gostava dele na época. E ainda gosto dele.

Lenobia controlou o sorriso.

– Não me senti ofendida, capitão Alderman. Nós estamos apenas falando a verdade. Os vampiros realmente têm necessidades fisiológicas diferentes das dos humanos. Nicole vai ficar bem aqui com a gente.

– Ótimo. Acho que é melhor enviar alguns rapazes para dentro daquele ginásio para procurar outros garotos que podem estar por perto – o capitão falou. – Parece que nós conseguimos evitar que o fogo se espalhasse, mas é melhor fazer uma busca nas partes adjacentes da escola.

– Acho que procurar no ginásio é uma perda de tempo para os seus homens – Lenobia afirmou, seguindo o que o seu instinto estava lhe dizendo. – Concentre-se em fazer com que eles acabem com o fogo no estábulo. O incêndio não começou sozinho. Isso precisa ser investigado, além de nos certificarmos de que nenhum dos nossos ficou preso nas chamas. Eu vou pedir que os nossos guerreiros façam buscas nas áreas adjacentes da escola, começando pelo ginásio.

– Sim, senhora. Parece que realmente nós chegamos aqui a tempo. O ginásio vai ter danos de fumaça e água, mas vai parecer muito pior do que realmente é. Acho que a estrutura permaneceu intata. É um edifício sólido, feito de pedras boas e espessas. Vai ser preciso alguma reforma, mas o seu esqueleto foi feito para durar – o bombeiro tocou no seu chapéu para cumprimentá-la e se afastou, gritando ordens para os homens mais próximos.

*Bem, pelo menos algumas notícias boas,* Lenobia pensou, tentando desviar os olhos do caos em combustão em que o seu estábulo tinha se transformado. Ela se virou de novo para o seu grupo.

– Onde está Dragon? Ainda no ginásio?

– Nós também não conseguimos encontrar Dragon – Erik respondeu.

– Dragon está desaparecido? – O estábulo tinha sido construído com uma parede compartilhada com o grande ginásio coberto. Até então, ela havia estado muito preocupada para pensar nisso, mas a ausência do líder dos Filhos de Erebus durante uma crise na escola era algo totalmente estranho. – Neferet e Dragon... Não gosto do fato de que nenhum deles está aqui. Isso é um mau presságio para a escola.

– Professora Lenobia, hum, eu vi Neferet.

Os olhos de todos se voltaram para a pequena garota de cabelos grossos e escuros que faziam as feições delicadas do seu rosto parecerem quase de boneca. Lenobia colocou um nome rapidamente naquele rosto: Shaylin, a novata recém-chegada na Morada da Noite de Tulsa e a única novata cuja Marca original era vermelha. No instante em que a conheceu alguns dias atrás, Lenobia pensou que havia algo muito estranho com ela.

– Você viu Neferet? – ela franziu os olhos para a novata. – Onde? Quando?

– Há mais ou menos uma hora – Shaylin respondeu. – Eu estava sentada do lado de fora do dormitório, olhando para as árvores. – Ela encolheu os ombros, nervosa, e acrescentou: – Eu era cega e, agora que eu não sou mais, gosto de olhar para as coisas. Adoro.

– Shaylin, e Neferet? – Erik a estimulou a continuar.

– Ah, sim, eu a vi andando pela calçada em direção ao ginásio. Ela, bem, ela parecia muito *escura* – Shaylin fez uma pausa, parecendo desconfortável.

– Escura? O que você quer dizer com...

– Shaylin tem um jeito único de ver as pessoas – Erik interrompeu. Lenobia o viu colocar a mão sobre o ombro de Shaylin para tranquilizá-la. – Se ela achou que Neferet parecia escura, então provavelmente foi bom você ter evitado que os bombeiros humanos fossem bisbilhotar no ginásio.

Lenobia queria questionar mais Shaylin, mas Erik encontrou o seu olhar e balançou a cabeça, quase imperceptivelmente. Lenobia sentiu um arrepio de mau pressentimento descendo pela sua espinha. Aquela premonição fez com que ela tomasse a decisão.

– Axis, vá com Penthesilea até o escritório da administração. Se Diana não estiver acordada, acorde-a. Pegue a lista de alunos e a distribua para os guerreiros Filhos de Erebus. Peça para que eles contem todos os estudantes e depois faça com que os estudantes apresentem-se aos seus mentores antes de voltarem aos dormitórios. – Quando a professora e o guerreiro saíram apressados, Lenobia encontrou o olhar franco de Kramisha. – Você pode fazer com que esses novatos – Lenobia fez uma pausa e seu gesto abrangeu todos os alunos com aparência desnorteada que estavam vagando pela área – se apresentem aos seus mentores?

– Sou uma poetisa. Eu consigo criar alguns pentâmetros iâmbicos incríveis. Isso significa que eu posso dar uma de chefe de alguns garotos assustados e sonolentos.

Lenobia sorriu para a garota. Ela já gostava de Kramisha mesmo antes de ela morrer e depois voltar como uma novata vermelha, que tinha tantas habilidades poéticas e proféticas que havia sido nomeada a nova vampira Poeta Laureada.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

## Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Escondida (Série House Of Night 10)" e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

### Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).